



Célio Jr./A/E

Kandasuami Arunachalam: passeios de ônibus pela cidade e sopa de cogumelos 'Maggi'

Discípulo de Gandhi está em SP

Arunachalam, 79 anos, participa de congresso de Yoga e se surpreende por não ter visto índios

LINA DE ALBUQUERQUE

Do lado de fora da sala de desembarque do Aeroporto de Cumbica, uma multidão sobressaltada de crianças se divertia apontando para o apumado ancião de barba comprida envolto num khadi branco de algodão da Índia. Com um sorriso amarelo, o médico Kandasuami Arunachalam, 79 anos e discípulo do libertador da Índia Mahatma Gandhi (1869-1948), olhava também para elas, atraído pela diferença cultural. "As crianças ocidentais são tão esquisitas", pensava ele. "Deveriam fazer ioga para se tornar mais tranquilas".

Presidente do Memorial Gandhi e professor de Naturopatia da Universidade Gandhi, em Tamil Nabu, o seguidor dos ideais do apóstolo da não-violência chegou em São Paulo na última terça-feira para participar do II Congresso Mundial de Yoga, que começou ontem e prossegue até amanhã no Clube A Hebraica. Nesses dias todos que está na cidade, tem sido parado na rua por curiosos que querem saber se ele é fundador de alguma nova seita mística. Na sua primeira turnê de ônibus por São Paulo, o cobrador não aceitou o dinheiro pela passagem. "Quem estiver com esse santo, anda de graça", sentenciou o funcionário. Cláudio Duarte, o presidente do comitê organizador do Congresso que naquele dia pela primeira vez não pagou o ônibus, diz que Arunachalam

está impressionado com a modernidade de São Paulo e com a amabilidade do povo. Só ficou um pouco decepcionado por ainda não ter conhecido um índio brasileiro. Desde que Gandhi foi assassinado, o médico tem se esforçado em difundir os seus princípios, contidos nas palavras *ahima*, a não-violência em relação a todas as coisas vivas; *satyagraha*, a força da verdade e do amor expressa pelo auto-sacrifício e pela resistência pacífica, e *brahmacharya*, o voto de celibato em nome de um suposto armazenamento do fluido seminal que, segundo a filosofia hindu, garantiria saúde, vida longa e o aprimoramento do espírito.

Após a conquista da Independência da Inglaterra, Arunachalam admite que os ensinamentos de Gandhi começaram a ser esquecidos na Inglaterra. Segundo ele, a maioria dos jovens indianos já não o vê como um modelo de líder do tempo presente. "Mas tenho feito de tudo para mostrar que Gandhi é um arauto do futuro", garante o discípulo. Um de seus maiores prazeres é constatar que muitas mulheres comparecem arrumadíssimas e maquiadas nos primeiros dias de suas palestras pela Índia, e, no final do curso, já vestem simples *Khadis*, túnicas típicas feitas à mão, dando os primeiros sinais de que estão dispostas a abdicar dos valores materiais e "seguir com Gandhi".

Arunachalam vive atualmente em Tamil Nabu junto com três estudantes universitários também seguidores do gandhismo. Sua mulher, uma psicóloga, faleceu no ano passado, aos 74 anos. O casal fez voto de castidade e não teve filhos. "Gandhi dizia que já exis-

tem muitas crianças no mundo para ser cuidadas e pouquíssima comida", diz ele. Com 19 anos, quando era estudante de Medicina na Universidade de Tamil Nabu, Arunachalam se apresentou ao líder indiano, com a determinação de tornar-se seu discípulo. O médico compartilhou muitos passeios a pé com o líder indiano — Gandhi tinha o hábito de caminhar 4 milhas (6,5 km) por dia —, tomou sol ao seu lado e fez ioga com ele. A sua definição favorita de Deus é a mesma de Gandhi: "Deus é a verdade". Como o mestre, também se alimenta frugalmente com frutas, cereais, vegetais, pão feito em casa, nozes e leite de cabra. "Ele fica satisfeíssimo apenas com um prato de sopa 'Maggi' de cogumelo", espanta-se a estudante de ioga e analista de sistema Elizabeth Nunes, que se ofereceu para hospedá-lo em seu apartamento, na Vila Mariana.

Embora Gandhi tenha feito da roça e do tear manual os símbolos da auto-suficiência rural, Arunachalam não acredita que ele odiasse de fato a tecnologia. "O problema é que ela não está sendo usada pelos cientistas, mas pelos políticos", combate. "O computador, por exemplo, poderia ser aproveitado para definir o amor." Como adepto da naturopatia, medicina natural que apregoa a cura pelo auto-conhecimento, não condena Gandhi por ter impedido a sua mulher de tomar penicilina que, segundo os médicos britânicos, poderia ter prolongado a sua vida. "Gandhi conhecia a fundo a medicina e sabia que a penicilina é violenta. Trata-se de um tipo de medicamento que faz a pessoa perder a alma. O melhor é viver de acordo com o ritmo da natureza."